

**“Ser ou não ser vira-
latas, eis a questão”:
resenhando
“A diplomacia
mediatizada: em busca
do refrão de um Brasil
megalomaníaco”,
de Antônio Carvalho.**

[RESENHA]

Frederico Daia Firmiano

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Trata-se de uma resenha crítica do livro “A diplomacia mediatizada: em busca do refrão de um Brasil megalomaniaco”, de Antônio Carvalho.

Palavras-chaves: Relações Internacionais. Diplomacia. Neodesenvolvimentismo. Mídia. Imprensa.

This is a critical review from the book “A diplomacia mediatizada: em busca do refrão de um Brasil megalomaniaco”, by Antônio Carvalho

Keywords: International relations. Diplomacy. Neo development. Media. Press.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Por que, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50 [quando o Brasil perdeu a final da Copa do Mundo por 2x1 para o Uruguai, no Maracanã], éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: – e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: – porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.¹

“Ser ou não ser vira-latas”. Eis a questão? De certo modo, sim. Ao menos quando se trata da forma como o Brasil é apresentado nas páginas diárias da imprensa nacional, “com reiterado desmerecimento”. Isto é o que nos informa a obra de Antônio Carvalho, produto de sua pesquisa de Mestrado, na PUC-SP, “A diplomacia mediatizada: em busca do refrão de um Brasil megalomaniaco”.

“A busca do refrão consiste em, conforme nossa proposta, analisar as construções discursivas do jornalismo, mostrar a falta de contextualização pelo contraponto oferecido por outras publicações nacionais e internacionais sobre o mesmo assunto e também pelo auxílio de fundamentação teórica, sobretudo na elucidação do que é a verdadeira diplomacia brasileira. Busca-se, dessa maneira, amparo de múltiplas vozes

para a denúncia da imprensa nacional tendente à univocidade. Estratégias que, em última instância, reforçam o monolinguismo”.²

O livro não é uma análise da diplomacia brasileira, mas de seu Obdulio: a mídia, ou, para ser mais preciso, a imprensa nacional - o que torna este trabalho bastante relevante para os estudos da Comunicação e das Relações Internacionais, um campo de interseção, aliás, pouco explorado entre nós. A diplomacia que interessa ao autor é aquela atribuída pela imprensa, “...fundada na simplificação dos propósitos, no esquecimento histórico dos paradigmas, na previsão de desenlaces fáceis para os impasses gerados no cenário da disputa internacional”.³

O texto está organizado em três capítulos: “Versões e Inversões”; “Cruzamentos da História no Terreno do Transitório” e “Conflitos na Comunicação”. Todos, conduzidos pelo fio da análise da cobertura jornalística acerca da diplomacia brasileira durante o governo de Lula da Silva, particularmente dos casos Honduras, durante o golpe instalado contra Manuel Zelaya, da intervenção militar brasileira pós-terremoto no Haiti, e da tensão internacional envolvendo o Irã e seu programa nuclear. “Episódios – diz o autor – que, de certa forma, explicitam o antagonismo entre Brasil e Estados Unidos...”.⁴

Antagonismo? Este, certamente, é um ponto polêmico do livro.

[1] RODRIGUES, Nelson. Complexo de vira-latas. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos. As cem melhores crônicas brasileiras. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 118.

[2] CARVALHO, Antônio. A diplomacia mediatizada: em busca do refrão de um Brasil megalomaniaco. – 1. ed. – Curitiba: Appris, 2015, p. 17.

[3] Idem.

[4] Apresentação, não paginado.

Suas opções teóricas são inequívocas e dão conta, com sobra, da análise a que se propõe. O texto revela a convicção teórica do autor, e isto raramente é encontrado em uma pesquisa de mestrado. As contribuições de Érik Neveu, Paul Virilio, Mauricio Lazzarato, Patrick Charaudeau, que nem sempre convergem, constituem, na obra, um todo teórico articulado.

Desde o primeiro capítulo o autor analisa o material jornalístico, particularmente, o Estado de São Paulo, a Folha de São Paulo e a Revista Veja, entre outros. Com alguma frequência, traz ao texto referências junto à imprensa internacional, a exemplo de The Economist, Financial Times, Le Monde Diplomatique, El País, etc., a fim de estabelecer comparações e com intuito de ser um contraponto às publicações brasileiras. Mas atenção: este não é um estudo comparativo. A comparação é um recurso metodológico que opera como linha auxiliar de argumentação, ademais, apóia a demonstração do “monolinguismo” da imprensa nacional.

Carvalho analisa (a) a cobertura jornalística acerca da crise hondurenha, (b) o terremoto, e as forças de paz enviadas pelo Brasil, ocorrido no Haiti e (c) e o papel desempenhado pelo Brasil “no centro do jogo e na linha de fogo” do impasse nuclear envolvendo o Irã. Não vamos encontrar aí um debate político em sentido estrito sobre a hegemonia das nações e dos capitais que defendem no sistema internacional. Ele reporta (na melhor tradição jornalística) os principais momentos políticos que envolvem tais processos, ou aqueles que a imprensa elege como sendo os mais agudos, para afirmar a “...prática

simplificadora do refrão da imprensa”.⁵ Este é o fio condutor.

No segundo capítulo encontramos parte da história da política externa brasileira. Novamente, sua intenção não é historiográfica, como fica patente. Neste, Antônio Carvalho constrói o refrão de seu texto: a crítica ao monolinguismo e à especialidade da imprensa nacional “... em resumir as diretrizes diplomáticas do país a uma tentativa sem nexos do governo Lula em querer obter algum êxito, sobretudo, por estar em desacordo com as intenções norte-americanas”.⁶

Seu ponto de vista sobre a atuação da diplomacia brasileira durante o governo Lula é inequívoco e, metodologicamente, serve para averiguar a ocorrência do refrão da imprensa. Assumindo a posição de Vizentini, diz ele:

“segundo observa, a integração sul-americana e o Mercosul ofereceram aos vizinhos uma parceria necessária para retomar o crescimento da economia e também a possibilidade de uma ação estratégica no plano global. Ou seja, apenas com a integração regional foi possível garantir a toda a América do Sul governabilidade e desenvolvimento, além de instrumento indispensável nas negociações da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas)”.⁷

Neste ponto eu lhe perguntaria: afinal, ser ou não ser vira-latas? Pois, no período analisado – ou eu quem digo – o Brasil cumpriu um papel “imperialista” e servil no campo das relações internacionais. Imperialista – ou subimperialista, como chamaria Rui Mauro Marini – com relação aos países mais subjugados do sistema-

[5] Ibidem, p. 55.

[6] Ibidem, 80-81.

[7] Ibidem, p. 89.

mundo e sobre os quais estabelece seu raio de ação em defesa dos grandes players brasileiros; e servil, ao render-se às exigências do capital-imperialismo. Na última década, a agressiva diplomacia do Itamaraty, ao lado do pesado financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), tem viabilizado a expansão dos capitais multinacionais brasileiros na América do Sul. Conforme denunciou Cláudio Katz, capitais da Petrobrás, Gerdau, VM, Odebrecht, Friboi, Marfrig e Vale compuseram o núcleo de empresas que operaram com níveis elevados de internacionalização. Inclusive, para sustentar sua política de corporações, o Brasil se militarizou com tecnologia francesa, atuando para além de suas fronteiras, como demonstram as ações das forças de ocupação do Haiti, a partir de 2004. Para Katz, a própria continuidade do Mercosul está condicionada a liderança brasileira. E segundo o autor, o Brasil buscou ocupar espaços no interior do que ele considera ser uma crise de dominação norte-americana, sem chocar seus interesses com o Império do Norte.⁸ Haveria, então, uma antagonismo entre Brasil e Estados Unidos?!

No terceiro e último capítulo, são os conflitos na comunicação que ocupam o centro do texto. Também aqui, a exemplo dos capítulos anteriores, sua análise de conteúdo é bastante extensa e intensa. A imprensa internacional é mais mobilizada que em outros capítulos. Antônio Carvalho também

dedica especial atenção ao tratamento dado pela imprensa nacional e internacional a figura do então presidente da República, Lula da Silva, mostrando as distinções (e divergências) entre ambas e o acentuado tom desqualificador da primeira. São dois os refrões recorrentes na imprensa nacional, como demonstra o autor: o de vira-latas e o de megalomaníaco.

O trabalho exaustivo de pesquisa sobre material jornalístico é algo que, realmente, chama a atenção. Sem sombra de dúvidas é a maior riqueza deste livro. Em razão de minha relação pessoal e profissional com o autor, pude, certa vez, lhe dizer: “Toninho – é como o chamo – sua pesquisa é muito rica. Quantas edições de jornais diferentes você analisou?!”. Ele me disse: “Frede, o volume de material que reuni é tão grande, tão grande, que não coube neste trabalho. Uma parte ainda está encaixotada”.

Mas antes de finalizar, não posso deixar de mencionar uma espécie de nacionalismo implícito no texto; um lado que, confesso, eu não conhecia de meu amigo Toninho. Cheguei a confrontá-lo a esse respeito, no lançamento de seu livro, em abril de 2015, na Universidade do Estado de Minas Gerais (unidade Passos), onde trabalhamos juntos. “Impressão sua”, disse-me ele espantado naquela ocasião. Pode ser. Mas sua argumentação em defesa de um “plurilinguismo jornalístico”, oposta a opção político-ideológica de parte da imprensa brasileira, carrega, por vezes, um sentimento de defesa da soberania nacional, sobretudo no que toca as aventuras brasileiras (sou eu quem digo) no campo político-diplomático, que nos faz lembrar do velho nacionalismo desenvolvimentista. Mas isto já é especulação sobre o autor.

[8] KATZ, Cláudio. América Latina frente a la crisis global. 2009. Disponível em: www.lahaine.org/katz. Acesso em 24 Ago 2010. p. 10-11. E para um quadro sobre a presença de empresas brasileiras nos países latino-americanos Ver: LUCE, Mathias. La expansión del subimperialismo brasileño (La política de integración del gobierno Lula em América Latina). Revista mensual de la Izquierda Nacional-Tercera Época. – Año 1 Número 9 Mes: Diciembre 2008.

O livro revela aquelas práticas da imprensa brasileira que, cotidianamente, nublam o fato de que o atual neodesenvolvimentismo evocado pelos ideólogos do Partido dos Trabalhadores criou um novo refrão sobre o Brasil, qual seja, “somos vira-latas, sim! Mas só mordemos os que não podem nos ferir”. Como na Copa do Mundo, jogando em casa, quando vencemos Camarões pelo placar elástico de 4x1, mas depois, com licença poética, “perdemos da maneira mais abjeta”. Por um motivo muito simples: - porque Klose nos tratou a pontapés, como os vira-latas que somos diante do Império e do capital financeiro transnacionalizado. ■

CARVALHO, Antônio. A diplomacia mediatizada: em busca do refrão de um Brasil megalomaniaco. - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2015.